



Para entender o Projeto de Exploração Madeireira na TI Xikrin

Isabelle Vidal Giannini

Artigo publicado originalmente no livro *Povos Indígena no Brasil 1996-2000*. Instituto Socioambiental. São Paulo, 2001.

Apesar dos preconceitos, da resistência do indigenismo oficial e da difícil relação com o mercado, os Xikrin do Cateté não desistem da proposta pioneira de manejo sustentável de madeira em Terra Indígena.

São mais de dez anos de trabalhos para a implantação de um Plano de Manejo Socioambiental na Terra Indígena (TI) Xikrin do Cateté, envolvendo uma equipe de técnicos do Instituto Socioambiental (ISA) e a comunidade indígena, além de eventuais serviços de terceiros. O "Projeto Xikrin" visa o manejo, exploração e comercialização de recursos madeireiros e não-madeireiros, de forma sustentável, maximizando a participação e gestão indígena. Pressupõe um complexo processo de articulações interinstitucionais, especialmente com órgãos oficiais, além da capacidade de interlocução permanente, por parte da equipe do ISA, com a comunidade indígena.

O projeto tem como prioridade a consolidação e o gerenciamento do plano de manejo sustentável dos recursos naturais, gestão territorial integrada, geração de renda com a comercialização de dois produtos (madeira e castanha-do-pará), capacitação administrativa de quadros da organização indígena local (Associação Bep-Nói) e a gestão participativa e transparente, por essa Associação, dos recursos financeiros gerados pelos projetos econômicos.

Com o tempo, os trabalhos desenvolvidos foram tendo uma compreensão crescente tanto por parte da comunidade como do próprio ISA. Juntos, conseguiram avançar na percepção dos passos necessários para se realizar uma exploração com planejamento, dos pontos-de-vista técnico, político, jurídico e administrativo. Os Xikrin participam ativamente dos inventários florestais, do zoneamento, do censo para aproveitamento de madeira, da busca de financiamento, do planejamento, das atividades extrativistas, das discussões sobre definições de áreas de subsistência, das discussões políticas e jurídicas que envolvem a gestão dos seus recursos naturais.

Sem dúvida, podemos afirmar que houve uma apropriação conceitual e política dos sub-projetos "comercialização da castanha-do-pará" e "comercialização de madeira" pelos índios Xikrin do Cateté. A execução e implementação da proposta de manejo florestal transformou-se, com o passar do tempo, em infinitas "negociações" financeiras, políticas administrativas e comerciais.

Alta taxa de desmatamento na região

A região que rodeia a reserva Xikrin, envolvendo os municípios de Tucumã, Xinguara e Paraupabas, apresenta uma alta taxa de desmatamento. Após a construção das estradas que cortam a região, na década de 70, ocorreu um ciclo de extração de madeiras nobres, especialmente mogno e cedro. Esta extração se deu de forma desordenada, provocando grandes prejuízos à cobertura florestal. Em anos seguintes, estas áreas sofreram ação de grandes incêndios, que completaram o desmatamento da floresta para a implantação de pastagens.

Atualmente toda esta região encontra-se em situação econômica bastante crítica, visto que a maioria das serrarias fecharam suas portas, e restam apenas grandes extensões de pastagens de baixa qualidade. A principal atividade na região é a pecuária, que gera um pequeno número de empregos. Outra atividade que ainda apresenta alguma importância na região é a atividade madeireira, embora com peso muito inferior que cinco ou dez anos atrás. Outras atividades de importância na geração de empregos são o comércio, os serviços e as empresas públicas.

Uma exceção a este quadro é a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), que tem uma grande base montada para exploração de minérios de ferro, ouro e manganês na região, o Projeto Carajás. Este projeto está localizado no município de Paraupabas, porém se estende até o limite leste da área Xikrin. Esta empresa gera um razoável número de empregos e outros benefícios para o município e região.

Extrativismo com castanha

Ao longo de nosso trabalho, percebemos, entretanto, algumas dificuldades. O projeto de castanha é uma atividade que está próxima ao que em geral se conceitua como permitido, ao passo que o projeto de manejo florestal mexe com os preconceitos e, por ser inovador, também com a estrutura das instituições que não estão prontas ou não possuem elementos de análise capazes de dar conta da proposta. O projeto exige um posicionamento (e não a omissão) das diferentes instituições envolvidas.

Por outro lado, o acesso ao mercado não é simples: o comprador de madeira, por exemplo, não está interessado em participar da construção de um empreendimento florestal indígena; ele não é um parceiro, quer um produto de boa qualidade, sem questionamentos políticos ou legais e com o carimbo da certificação florestal internacional (FSC).

Também devemos considerar que a competição entre um empreendimento florestal comunitário e empresas madeireiras é desigual, pois estas já participam do mercado com linhas de crédito específicas para investimento e capital de giro. O mercado financeiro não tem experiência em operar com linhas de crédito que estejam fora de suas regras tradicionais, como no caso de uma comunidade indígena. O que se observa é que financiadores e comerciantes têm suas exigências e imposições, criando barreiras e distanciando-se da lógica de um projeto de desenvolvimento sustentável em construção. Salta aos olhos a reação não apenas do órgão indigenista

oficial, a Funai, mas também a das outras instituições financiadoras, que vêm neste órgão o aval ou a garantia que o sistema exige.

Apesar de tudo e cada vez mais, os Xikrin se empenham, somam esforços e se mobilizam para o sucesso das atividades envolvendo a castanha e a madeira. Eles mostram clareza na percepção das negociações políticas e das dificuldades colocadas pelos órgãos oficiais e financiadores no reconhecimento de seus direitos de se organizar, de explorar de forma planejada os recursos naturais de seu território e de realizar parcerias de sua escolha. No plano simbólico, a percepção xikrin desses processos pode ser "lida" num dos rituais que realizaram durante o período de implantação do "Projeto" (ver box).

Os avanços e as dificuldades enfrentadas pelo Projeto Xikrin podem ser acompanhados a partir de relatos e considerações sobre suas duas atividades principais: as que envolvem a castanha-do-pará e o manejo da madeira.